Desvario opressor: imaginário neopentecostal em conflito com a prática pedagógica

Roberto Silva da Silva[1]
Valeska Fortes de Oliveira[2]
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo

"O desvario opressor: imaginário neopentecostal em conflito com a prática pedagógica" parte de uma situação ordinária de escola básica resultante de uma conjuntura sócio-político-religiosa ocorrida com o autor em seu cotidiano. O novo contexto capitalista das duas primeiras décadas do século XXI reestruturou os extratos sociais. As novas relações de trabalho deprimem extratos inteiros e estes são amplamente cooptados pelo discurso da Teologia da Prosperidade e o pacote cultural que o acompanha. Para entender como a instituição imaginária neopentecostal cria uma guerra santa sectária que se impõe à sua práxis, é proposta uma análise à luz dos conceitos de *legein* e *theukein*, desenvolvidos por Cornelius Castoriadis, na formação e promoção de um embate maniqueísta. A amostra é o discurso de uma pastora específica: Damares Alves. A escolha desta se dá pela coincidência no uso de uma obra literária como front de sua batalha religiosa: *Evocação*, de Márcia Kupstas, livro utilizado pelo professor-autor para promover a leitura junto aos estudantes de sétimo ano do Ensino Fundamental. Cria-se um campo de batalha esquizofrênico, colocando o educando como uma Ismália entre duas luas: a do céu e a do mar, gerando a confusão e conflito que a própria pastora denuncia. O combate não é religioso, mas ideológico.

Palavras-chave: neopentecostalismo; instituição do imaginário; ideologia; imaginário hegemônico

Abstract

"The oppressive raving: the new gospel imaginary in conflict with the pedagogical practice" draws from an ordinary situation in Basic Education which resulted from a social, political and religious juncture that happened with the author when he was teacher. The new capitalist context of the first two decades of the 21st century created new social classes. The new labor relationships depressed whole classes, which were widely co-opted by the discourse of the Prosperity Theology and the cultural baggage it carries. To understand how the imaginary institution of the new gospel creates a secessionist holy war that imposes itself to its own praxis, an analysis based on the concepts of *legein* and *theukein*, identified by Cornelius Castoriadis, on the formation and promotion of a Manichaean clash is proposed. The sample is the discourse of a specific gospel minister: Damares Alves. This choice is justified by the coincidental use of a literary book as the front of her religious battle: *Evocação*, by Márcia Kupstas, which is used by the author-professor to promote reading among his pupils at seventh year of Elementary School. A schizophrenic battlefield is established, placing the student, like Alphonsus de Guimaraens' Ismália, between two moons: the one in the sky and the one in the sea, creating the same confusion and conflict that Damares herself denounces. The fight is not religious, but ideological.

Keywords: new gospel culture; imaginary institution; ideology; hegemonic imaginary

Numa manhã, a intifada...

Quando Ismália enlouqueceu,

Pôs-se na torre a sonhar...

Viu uma lua no céu,

Viu outra lua no mar.

Quando você está dentro da sala de aula, quanto mais jovem é o estudante, mais próximo está das famílias. Maior o contato com suas ânsias, suas idiossincrasias, seus traumas, sua ideologia. Posso dizer que, em muitas situações, o estudante é uma Ismália numa torre entre a Lua da Sensatez e da ciência e a Lua que quer apenas que seja uma peça a serviço de um objetivo que não é seu exatamente, que vou chamar de "Mar da Insensatez". Trabalhando numa escola confessional na região metropolitana de Porto Alegre, fui mergulhado num embate religioso. Um conflito que não tem fuzis, mas elementos simbólicos. Trata-se de uma "guerra santa" de microfronts. E caí de paraquedas num deles. Deparei-me com o furor de uma mãe neopentecostal preocupadíssima com um título de livro que este professor de língua portuguesa pediu ao 7º ano: "Evocação" de Márcia Kupstas. Acreditava ela que tal publicação era espírita e que seu filho não deveria ler o livro. Sem ter lido a obra -assumindo verbalmente- ela buscava a troca da mesma. Relato mais do que a reclamação de uma família, mas de uma imagem reproduzida no micro a partir de uma formação no macro. A prova disso encontrei posteriormente na Internet, com a pregação da pastora e então assessora parlamentar Damares Alves, que demonizava a obra literária da escritora em seus púlpitos.

Os fatores que levaram a população a cair num mar de Ismália ideológico são diversos: um artigo não tem espaço para aprofundar este debate, fruto de uma construção imaginária, base de uma cultura de pós-verdade regido pela premissa simplista que estabelece *que acredito no que considero verdade não importa o contraditório.* Com a ajuda substancial da internet e dos produtos culturais difundidos através dela -redes sociais, canais do YouTube- o mar de Ismália avançou sobre a costa da sensatez, inviabilizando debates racionais. Torna-se imperioso para a ciência social entender o que avolumou as águas do desvario coletivo. E, sim, temos que entrar no campo da religião -retomando a etimologia da palavra- para entender a instituição imaginária neopentecostal.

Para analisar a contribuição do discurso da *jihad* neopentecostal, nosso estudo ficará centrado no conflito do discurso da então pastora Damares Alves da Igrejas Batista da Lagoinha -MG com a *práxis* pedagógica de fomento da leitura em uma turma de ensino fundamental: quais referências usam e como aplicam tais conceitos na vida prática. Secundariamente, como objetivo específico, iremos verificar os reflexos da estratégia de leitura que, segundo a pastora, provoca confusão nos jovens em sala de aula e consequentemente no rendimento discente.

Vamos entender o fenômeno neopentecostal e seu imaginário instituído. Seu *leugein*; como se difunde e se constitui a função simbólica de ícones-vivos como Damares Alves. Descreverei a estratégia para desenvolver a competência leitora na minha turma de sétimo ano de Ensino Fundamental numa instituição confessional da rede privada de Ensino da cidade de Guaíba no estado do Rio Grande do Sul.

Acredito que não se trata de um ruído simples de pais com o educador. Vejo nesta situação prosaica uma oportunidade para entender o momento político que o Brasil vive no início do século XXI. Um paradigma -outrora marginalizado no campo das ideias- enraizou-se na opinião pública e instituiu no imaginário social ideias abjetas para o pensamento científico que ameaçadoramente lhes relega ao universo das inverdades. Entender tais situações, por mais fúteis que possam parecer,

leva-nos ao caminho de um combate mais efetivo à crise da sensatez.

As ondas da lua no mar: instituição do imaginário neopentecostal

No sonho em que se perdeu,

Banhou-se toda em luar...

Queria subir ao céu,

Queria descer no mar...

Nos primeiros vinte anos do século XXI, o Brasil vive uma nova crise do capitalismo. A informalidade cresce no mundo do trabalho e refaz suas relações. No campo político, avanços do pensamento conservador reformam as políticas sociais e, para se hegemonizar, busca na instituição do imaginário se estabelecer dentro da *polis*. O avanço neopentecostal, favorável a uma cultura conservadora heteronormativa, patriarcalista e teocentrista, configura-se numa oportunidade ímpar para se reestabelecer a hegemonia do campo centro-direita. É fundamental destacar que não se trata de uma política estritamente partidária, é muito maior que isto. Falo de um projeto de poder e de *establishment*. O individualismo neoliberal encontra casa na cultura neopentecostal. A Teologia da Prosperidade aproxima a fé neopentecostal dos conceitos neoliberais de valorização do "ter", como destaca Mariano, citado por Antônio e Lahuerta (2014, p. 63):

> Além de que, em vez de valorizar temas bíblicos tradicionais de martírio, auto sacrifício, isto é, a "mensagem da cruz" -que apregoa o ascetismo [...] e a perseverança dos justos no caminho estreito da salvação, apesar do sofrimento, das injustiças e perseguições promovidas pelos ímpios contra os servos de Deus-, a Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos.

Vemos na Teologia da Prosperidade um traço claramente sectário (servos de Deus e os ímpios) que é a porta de entrada para um imaginário bélico constituído. Sua constituição, o *legein* que Castoriadis (1991, p. 262) expõe na combinação "distinguir-escolher-estabelecer-juntar-contar-dizer", dá-se na prática pedagógica feita dentro das igrejas em púlpitos, grupos menores de culto, grupos de rede sociais e conversas informais. Há uma estratégia, uma metodologia de difusão que usa de vários meios e dinâmicas para atingir seu objetivo: *a priori* a fidelização do seguidor.

É preciso uma formação discursiva que facilite a distinção *nós e eles*, ou o *povo de Deus* e *o Mundo*. Ela precisa ser simples e de fácil captação, o maniqueísmo pueril da dicotomia Deus/Diabo torna-se importante ferramenta para a rápida proliferação não só entre os fiéis de uma denominação, mas de uma cultura "gospel" que une ideologicamente a população cristã-evangélica. Dentro da concepção de instituição imaginária castoriadiana, esta função do legein abre a primeira porta para a discriminação e a ferramenta física é a Bíblia Sagrada, comumente chamada de "arma do cristão".

A escolha está intrínseca no ato da conversão a uma igreja evangélica, quer seja neopentecostal ou não. A frase "aceite Jesus no seu coração" é a chave para tomar partido nesta "guerra espiritual". Tal conflito é abertamente expressado nas pregações da pastora que foi analisada. O que permite a alegoria à *jihad* islâmica, embora a liderança religiosa não empunha armas físicas, tampouco inspira seus seguidores e seguidoras a fazê-lo. Suas armas são retóricas.

O estabelecer remete à parte pedagógica em si do trabalho da igreja. O próprio ato de cooptar e buscar mais fiéis passa por um processo de neurolinguística fundamental para penetrar no extrato social marginalizado pelas políticas públicas. É preciso falar uma linguagem que até não respeite as

regras gramaticais do idioma, mas que seja eficaz com aquela pessoa deprimida pelo alijamento socioeconômico consequente deste momento do capitalismo. Refiro-me a pessoas que vivem numa economia onde a mão-de-obra é efêmera e descartável. Torres, citado por Antônio e Lahuerta (2014, p. 63), conceitua de forma clara a situação desta camada da população: "[...] os indivíduos são motivados a desenvolver disposições descartáveis, empregáveis na circunstância de cada projeto de curto prazo e incapazes de pautar relações de reconhecimento e interdependência generalizáveis de um contexto para outro".

No Brasil, os extratos sociais se dividem não apenas em capital financeiro, mas no que Bourdieu chama de capital cultural. Para Souza (2011, p. 36) "é a apropriação privilegiada de capital cultural, seja técnico ou literário, que marca tipicamente as classes médias modernas." O sociólogo faz uma divisão entre as "classes médias verdadeiras", com os "batalhadores" (emergentes) e a "ralé". Sobre estes batalhadores, Souza (2011, p. 38) os descreve no mundo secular do trabalho no atual meio capitalista:

> Sem acesso aos conhecimentos altamente valorizados que permitem a reprodução do mercado e do Estado [...] os batalhadores "compensam" esta falta com extraordinário esforço pessoal, trabalhando sob condições penosas, sem garantias sociais, em atividades muitas vezes informais, sem pagamento de impostos.

A consciência da efemeridade deprime o indivíduo, deixando-o suscetível ao discurso opressor alienante. Como ele não tem acesso real ao Estado, que não tem significância na sua prática, pois os serviços públicos são precários em sua totalidade. Por fim, resta-lhe a ignorância dos valores da sociedade -representada no Estado- que não o ampara, mas o exclui.

Spinoza, citado por Benjamin (2014, p. 258), em seu teorema da ética, afirma o ignorante como uma "presa das mil agitações das causas exteriores, nunca se eleva à verdadeira paz da alma; vive sem saber quem ele próprio é, o que é Deus e o que são as coisas." A doutrina neopentecostal propõe esta "paz da alma" com respostas diretas, sem apresentar fundamentação ou com fundamentação indeterminada ("pesquisas mostram", por exemplo). Este grupo não entende a sua situação; tampouco faz ideia do quanto é atingido pela conjuntura macroeconômica. Este ignorante *spinozano* sofre, dentro da igreja, uma ação que Freire (2005, p. 158) chama de antidialógica, revelando-se uma estratégia de opressão; para o educador brasileiro "a necessidade da conquista acompanha a ação antidialógica em todos os seus momentos". Ele ainda acrescenta que é preciso "dividir, para manter a opressão" (Freire, 2005, p. 160). Logo, a divisão entre "Igreja" e "Mundo" também é uma ação pedagógica.

A tríade juntar-contar-dizer compõe o elemento agregador de massa. Ela molda o orgânico do imaginário evangélico que vemos nos discursos, nas manifestações culturais, na ética e nas atitudes desta camada da população. Os seres já se sentem acolhidos e acolhem, dentro do que Castoriadis (1991) estabelece como "criação e condição da sociedade". Ele agrega a si as significações da nova religiosidade e reproduz como sua. Como se o púlpito o alimentasse e a sua significação deixasse de ser dele, partindo numa espiral da membresia para o exterior, sítio das batalhas da *jihad*. Os 'recrutas' estão preparados e prontos para avançar as linhas inimigas. E o volume do Mar da Insensatez cresce.

A lua do mar: pregações como munição *jihadista*

Damares Alves não é o grande ícone do neopentecostalismo brasileiro. A escolha de sua pregação não teve sua relevância nacional como critério. Durante quase toda a sua vida religiosa, era conhecida apenas no hermético meio evangélico. Foi por anos assessora do senador e pastor Magno Malta, do Espírito Santo. Quando Jair Bolsonaro assume a Presidência da República, em janeiro de 2019,

a paranaense presbítera da Igreja Batista da Lagoinha assume o cargo de Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. O acaso a fez nascer em um dia/mês e em um ano icônicos: 11 de setembro de 1964. Graduada em Direito pela extinta FADISC (Faculdades Integradas de São Carlos) de São Paulo, formou-se pastora da Igreja do Evangelho Quadrangular, migrando posteriormente para a Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte. Teve canal próprio do YouTube e proferiu palestras no país inteiro em várias igrejas evangélicas e em eventos do Movimento de Renovação Carismática da Igreja Católica até assumir o cargo no Executivo da União. Se autodeclara mestra em Educação, mais não encontrei seu currículo na plataforma Lattes do CNPq; tampouco apresentou documentação comprobatória ao assumir o Ministério.

Damares é trazida a este estudo de caso ao ser evocada pela mãe recruta no seu ataque à Escola, à minha práxis pedagógica. Quando muniu seus fiéis, que muniram outros. Fazendo a onda que provocou bater forte contra a Torre do Castelo onde o educando se encontrara. Deste momento em diante, não estou me referindo à pessoa, mas à ideia. O ícone -Damares Alves- está dentro de um conjunto de símbolos que formam o tecido do imaginário instituído e que entra em conflito com outro imaginário, este, formador e emancipador. Um dialógico e outro antidialógico, parafraseando Freire. Para ilustrar, usarei uma parte de sua pregação em que a religiosa ataca frontalmente os livros aprovados pelo MEC e que, segundo ela, ferem a fé das crianças cristãs evangélicas.

Theukein neopentecostal: um exemplo prático

Castoriadis (1991, p. 301) usa o termo *theukein* que deu origem a *techné* -raiz do termo "técnica"- como "[...] fazer ser como... a partir de... de maneira apropriada a... e com vistas a..." Identifiquei estes elementos em pontos estratégicos da pregação da pastora. Transcrevi uma pregação feita em Belo Horizonte em 1 de junho de 2016.

> Olha outro livro eu [sic] tô encontrando nas escolas -Pode passar- Olha lá: Evocação[3]! Livro que tem uma historinha que a menina faz uma evocação com bacia d'água e vela e no final os professores estão orientando as crianças a fazer uma "evocação" em sala de aula. Peraí [sic]: Se aquele livrinho "Eleguá"[4] tá [sic] na Escola, se este livrinho "Evocação" tá [sic] na Escola, as Bíblias vão ter que voltar pras [sic] escola do Brasil! Se Olorum pode ser invocado [sic] nas escola, Jeová também poderá ser invocado [sic]. Se Estado é laico, tem que ser laico pra todo mundo! Chega![5]"

Em exatos trinta segundos, Damares denuncia uma suposta prática ilegal para a exclusão dos valores cristãos das escolas, identificando-as como fora do seu lado do embate. Se a Bíblia precisa voltar é porque não está. Se não está, o laicismo legal não está sendo respeitado na escola. Posteriormente ela cita mais livros aprovados pelo MEC para aquisição e disponibilização nas bibliotecas escolares. Vou deter-me a este recorte em virtude do fato gerador deste estudo. Faz parte da sua *techné:* afrontar um Estado governado por valores antagônicos aos seus. O mesmo que não ampara as pessoas que estão absorvendo seu conteúdo. Mostra um suposto "ataque" à Lei para garantir que o inimigo, representado com um substantivo (evocação), está qualitativamente ligado ao espiritismo, antagônico ao seu campo imaginário. Damares profere seu discurso de forma enérgica, agitada (ela anda freneticamente pelo palco) e com retórica de frases curtas e rápidas proferidas de maneira esbaforida, dando um tom de ansiedade, de modo que não importa erros de concordância.

[3] Vemos o slide com a capa do livro de Márcia Kupstas.

[4] Livro da autora Carolina Cunha sobre lendas de origem africanas para crianças.

[5] Damares, em seu canal de YouTube, também criticara a publicação de Márcia Kupstas. O vídeo foi retirado do ar quando assumiu o Ministério da Mulher, Cidadania e Direitos Humanos.

Todo este *ethos* visa preparar a audiência para que tome uma atitude na sua escola, para que ela não cometa ilegalidades para garantir o espaço do outro dogma ou doutrina. É uma guerra espiritual e santa que se está travando. Uma *jihad*. O ataque atinge um alvo frágil: as crianças. A partir de uma comoção, de uma agressão aos indefesos infantes, conclama-se para defendê-los da "confusão mental" provocada uma escola criminosa, pois afronta a Lei. Agora a luta é da Igreja e do indivíduo porque agora ele, acolhido, acredita ser instituinte, embora apenas esteja reproduzindo o instituído. Numa perspectiva belicosa, o ataque precisa de uma resposta à altura e definitiva. Para não entrar em complexidades que os receptores não têm condições de problematizar, quebrando a lógica simplista do discurso, é preciso afirmar que há um ataque poderoso, imoral e que vai ferir de morte. A indeterminação do sujeito -quem será prejudicado por tal confusão mental? Minha família? Meus filhos? A Igreja?- faz com que tudo ou todo o contexto imaginário neopentecostal esteja em xeque.

Em trinta segundos, a pessoa deprimida e oprimida por um capitalismo que a trata como descartável e não-biodegradável está convocada a defender a única ideia de mundo acolhedor que tem.

A torre: práxis pedagógica da sala de aula de uma ordinária turma do sétimo ano do Ensino Fundamental

E no desvario seu

Na Torre pôs-se a cantar...

Estava perto do Céu,

Estava longe do Mar.

Era uma vez uma turma de Ensino Fundamental em uma escola confessional, em uma pequena cidade na margem direita do Lago Guaíba. Três vezes por semana, o grupo de trinta e dois jovens da faixa etária entre doze e treze anos tinha aulas do componente curricular Língua Portuguesa com o professor autor deste texto. Uma vez por mês faziam uma atividade devocional, organizada pela Capelania da Unidade de Ensino. No hall de entrada, na sala do diretor, uma Bíblia Sagrada recebia os sonolentos estudantes que deixavam cambaleantes os automóveis de seus pais.

Dentro do processo avaliativo, dividira meus instrumentos em dois grupos: um quantitativo e um qualitativo. Dentro do conjunto dos qualitativos, coloquei a leitura obrigatória de obras literárias.

Tratara-se de cinco obras escolhidas sob os critérios de relevância de linguagem, diálogo com a faixa etária dos estudantes e potencial de promoção da leitura. Para esta turma, determinei as seguintes obras: *Malala - A Menina que queria ir para a escola*, de Lydia Carranca; *Viagem ao centro da terra*, de Júlio Verne; *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson; *A rebelde do deserto*, de Alwyn Hamilton; e *Evocação*, de Márcia Kupstas.

Os estudantes tinham o prazo do trimestre letivo para ler dois livros por vez e responder a um questionário específico sobre as obras. A ordem era determinada pelos mesmos. Nesta torre literária, ofereci uma diversidade de estilos para mostrar a pluralidade desta expressão artística, com autores e autoras de diversas nacionalidades, tipos de narrativas e religiosidades, metodologia devidamente aprovada pela instituição. Vi na diversidade temática e de visões de mundo uma forma de ampliar os horizontes de problematização, como Freire (2005, p. 80): "quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados."

Eis que o Mar da Lua de Damares bateu na Torre.

Duas semanas após a distribuição da lista, uma mãe se apresenta no setor pedagógico para notificar que seu filho não vai ler a obra de Kupstas. O argumento é que "tinha [sic] visto na internet que uma personagem era médium e que não queria seu filho lendo livro espírita." O encontro foi feito informalmente, sem registro, o que aliviou o peso. Numa guerra, deixar o inimigo alerta pode atrapalhar os avanços da intifada. Logo, uma reunião formal com tom reclamatório geraria uma postura mais assertiva do outro lado. Como o educando podia ler os outros quatro, que não tinham oposição de casa, naquele encontro decidiu-se dar prioridade a estes e que se procrastinasse a decisão para o distante final do ano letivo. Vida que segue.

Não. A vida não seguiu. Uma frase dita no encontro pela quase-não-reclamante alertou a minha brigada-ligeira: "Eu não li, mas não gostei do livro!"

Estas duas orações coordenadas escancararam a ignorância. Spinoza *apud* Benjamin (2014, p. 259) já afirmara que "a religião, obra da razão, se voltara contra a razão; [...] devia calar-se, condenada ao nome do livro morto." Precisava saber por que exatamente aquela publicação causou a queixa, uma vez que havia uma obra que contava a história de uma menina muçulmana e um romance de terror muito mais violento do alvo da queixa. Fui à *Internet*. Numa busca simples acerca de "comentários sobre o livro *Evocação*", encontrei a pregação da pastora Damares Alves da qual fiz transcrição anteriormente.

Diagnóstico: desvario

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...
Alphonsus de Guimaraens

A escola é um espaço democrático. Um ambiente de crescimento, amadurecimento. Quando entra para a escola, a criança oficialmente vai deparar-se com ideias diferentes das que convivera antes. Conforme cresce, amadurecendo a criticidade, filtra as informações que recebe. Por mais descabido que pareça, há uma rivalidade entre famílias e escola, em especial com os professores e professoras. Tal divergência foi acentuada com o crescimento e a hegemonização do imaginário neopentecostal.

Num contexto de fragilidade emocional de um grande extrato social, devidamente cooptado por um discurso de aparelhamento opressor, um assistencialismo emocional que objetiva claramente uma dependência do público que atinge, estas mentalidades enfraquecidas não se sentem com estrutura para ser referência para os indivíduos que trazem ao mundo. Delegam suas responsabilidades morais para outrem, ora o Estado, através da escola, ora para a Igreja. Esta última,

dentro de uma lógica de disputa de poder, institui um imaginário próprio e o hegemoniza. Para isto, precisa destruir o antagônico que está na unidade de Ensino. Incute-se, então, uma concepção imaginária de "guerra santa", uma *jihad* evangélica.

Mas a quem interessa essa *jihad*? É estratégico. Williams, citado por Apple (2006, p. 40) afirma que as escolas "são agentes da hegemonia cultural e ideológica, da tradição seletiva e da incorporação cultural." Dominar este instrumento de hegemonização implica em se estabelecer e oprimir os contrários: um projeto de poder.

Instituir o imaginário é uma construção complexa e não é uma atividade humana funcionalista com cronograma e fluxograma. Institui e é instituído. O indivíduo é receptor e emissor. Ele acaba se sentindo produtor de conteúdo e cultura. Logo, a *jihad* também é sua e é seu dever garantir o seu espaço -que na verdade é do imaginário neopentecostal instituído- e de seu lugar de fala.

Como elemento do instituído, criadora e criatura de uma visão de mundo, uma mulher se sente compelida a marcar a sua concepção imaginária ante qualquer outra. Independente do respaldo do coletivo e de ter contato com o conteúdo. Este pouco importa, tampouco precisa ter fundamento. O imaginário neopentecostal é um arcabouço de verdades absolutas orais, de orações coordenadas, de fácil manipulação. Mas estas são inúteis em um debate acadêmico. Por isso a informalidade e a fuga de discussões.

Entramos, enfim, no embate em si. O imaginário neopentecostal se soma à enfermidade mental do seu público potencial. O desvario tatua-se nas falas e nas atitudes nos púlpitos e fora deles. O professor acaba sendo demonizado junto se não concorda com a lógica insana. E quanto mais o educador recua, mais ele é oprimido profissionalmente. Os lugares precisam ser respeitados. A escola não deve ser regida por igreja, tampouco por agentes de segurança, muito menos por políticos. O educando não tem que ser uma Ismália que ao fim se joga em sua loucura e deixa de existir. Precisa, sim, olhar para as duas luas, entendê-las e ter sua posição autônoma acerca delas. Não vivemos em conflito algum. O discurso retrógado e doente da intolerância não pode avançar como um tsunami sobre a terra firme do bom senso. E quem estabelece estes limites é a unidade de ensino, é o educador, é quem entende tecnicamente que o processo de aquisição do conhecimento passa por conhecer as mais diversas visões de mundo e do mundo.

Referências

ANTÔNIO, Gabriel Henrique Burnatelli de; LAHUERTA, Milton. Neopentecostalimo e os dilemas da modernidade periférica sob o signo do novo desenvolvimento brasileiro. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 14, pp. 57-82, mai./ago. 2014.

ALVES, Damares. Pregação na Igreja Batista da Lagoinha (1º de junho de 2016). **Belo Horizonte: Canal Protetores da Família e da Infância.** Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=9_PSmCR_r_o&t=7s. Acesso em: 18 set. 2019.

APPLE, Michael. **Ideologia e Currículo.** 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ARENDT, Hannah. **A condição Humana.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BENJAMIN, César (Org.). **Estudos sobre Spinoza**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

BORDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GUIMARAENS, Alphonsus de. **XXXIII – Ismália.** Disponível em: https:// www.escritas.org/pt/t/12902/xxxiii-ismalia. Acesso em: 18 set. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

SILVA, Orley José da. Evocação de Espírito e Possessão Demoníaca em Livro Infanto-Juvenil do MEC. **De olho no livro didático: políticas educacionais e ocorrências de doutrinação nos materiais didáticos, literários e pedagógicos. (Blog)** Disponível em: http:// deolhonolivrodidatico. blogspot. com/2014/10/evocacao-de-espirito-e-possessao.html. Acesso em: 19 set. 2019.

SOUZA, Jessé. A parte de baixo da Sociedade Brasileira. **Revista Interesse Nacional**, v. 14, p. 33-41, 2011.

Roberto Silva da Silva

Professor do Magistério Público do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

E-mail: cineastaroberto@gmail.com

Valeska Fortes de Oliveira

Professora Titular de Graduação e Pós-Graduação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

E-mail: vfortesdeoliveira@gmail.com